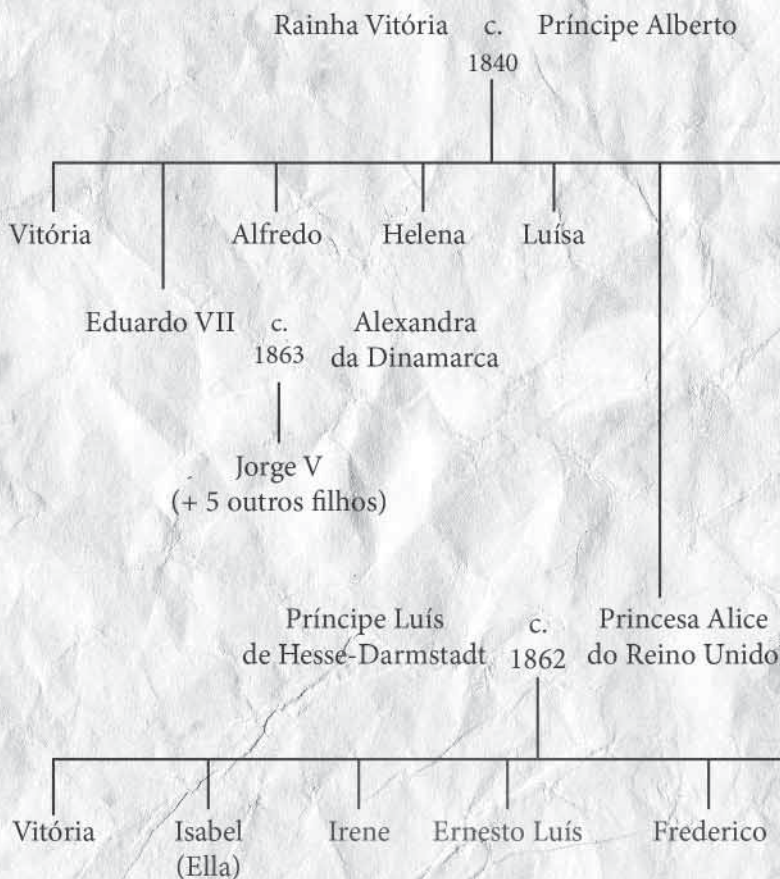


# a esposa secreta

gill paul

Tradução de Cristina Correia

*Para o Richard, com amor*



AS LIGAÇÕES  
FAMILIARES  
DOS  
ROMANOV



Artur

Leopoldo

Beatriz

Maria Feodorovna  
(Princesa Dagmar  
da Dinamarca)

c.  
1886

Czar Alexandre III  
da Rússia

Maria

Czarina Alexandra  
Feodorovna da Rússia  
(anterior Princesa  
Alix de Hesse)

c.  
1894

Czar Nicolau II  
da Rússia

Jorge

Miguel

Alexandre

Xénia

Olga

Olga

Tatiana

Maria

Anastácia

Alexei



# Prólogo

*Lago Akanabee, Estado de Nova Iorque, 19 de julho de 2016*

Tinham passado 29 horas desde que Kitty Fisher deixara o marido e, nesse tempo, viajara 5975 quilómetros. A revista a bordo dizia que a distância entre Londres e Nova Iorque era de 5570 quilómetros e o sistema de navegação do carro alugado dizia que tinha conduzido 405 quilómetros desde que saíra do aeroporto. Todo um oceano e metade de um estado interpunham-se entre ela e Tom. Devia sentir-se transtornada, mas, ao invés, sentia-se entorpecida.

No Reino Unido, eram quatro e meia de domingo à tarde e Kitty pensou no que poderia Tom estar a fazer, esboçando uma careta ao imaginá-lo a andar de um lado para o outro em casa, de calças de fato de treino e *t-shirt*. Teria, certamente, telefonado às suas amigas mais próximas, a fazer-se de inocente, perguntando se sabiam onde ela estaria. Quanto tempo demoraria a perceber que ela tinha viajado para a América em busca da cabana junto ao lago que herdara do bisavô?

Tinha sido cuidadosa para não deixar nenhum documento para trás, para que Tom não soubesse o endereço. Ele que ficasse a consumir-se por algum tempo. A sua infidelidade justificava-o. Estremeceu face a essa palavra, surgindo uma imagem involuntária das mensagens no telemóvel que piscavam na sua cabeça. Ainda estava em choque. Nada parecia real. *Não penses nisso. Para de pensar.*

A mulher do sistema de navegação estava encorajadoramente segura de si: “Daqui a 180 metros, vire à esquerda para a Estrada Big Brook.” Sabia bem ter indicações sobre o que fazer. Era disso que precisava quando o resto da



sua vida estava a desmoronar-se. Contudo, decorridos poucos minutos, a senhora da voz parecia ter-se baralhado. “Chegou ao seu destino”, disse, mas tudo o que Kitty conseguia ver era floresta cerrada dos dois lados da estrada. Avançou, mas a voz insistia: “Faça inversão de marcha.”

Kitty saiu do carro para explorar a pé e, ao espreitar entre as árvores, descobriu um trilho onde o mato crescera até à altura da cintura e sobre o qual pendiam ramos de árvores. Consultou o mapa que lhe tinham enviado com os documentos de propriedade da cabana e decidiu que devia ser aquilo. Iria riscar a pintura do carro se tentasse avançar pelo trilho; por isso, partiu a pé, abrindo caminho pelo matagal. Ouvia-se o zumbido dos insetos e sentia-se um odor forte a vegetação, como quando a relva é cortada depois de uma chuvada. Não tardou para ver o brilho metálico do lago Akanabee, com pontinhos de luz a dançarem à superfície. Quando chegou à beira da água, olhou em redor e tentou perceber o mapa. A cabana devia estar ali mesmo.

Foi então que reparou numa elevação com cerca de três metros e meio de altura, camuflada por plantas rastejantes. Há 30 anos que ninguém ali vivia e Kitty estava preparada para que a cabana estivesse reduzida a uma pilha de escombros. Ao invés, era como se a floresta tivesse criado uma espécie de casulo para a proteger dos elementos da natureza. Erva daninha envolvia os alicerces, infiltrando-se pelas janelas partidas e formando uma alcatifa sobre o telhado. A entrada mal se deslindava através do aglomerado de vegetação retorcida. Porém, a localização da cabana, aninhada num ligeiro declive a poucos metros da margem de seixos, era fantástica.

Aproximou-se para ver de perto. Um embarcadouro que avançava para dentro do lago há muito que tinha ruído, deixando visíveis apenas algumas estacas desamparadas. Uma árvore jovem tinha crescido através dos quatro ou cinco degraus até ao alpendre da cabana, levando-os a cederem e racharem, sendo que as raízes estavam emaranhadas através da madeira fraturada, como um ninho de cobras. No entanto, o teto em chapa de aço ondulada parecia ter-se mantido estanque, tendo protegido as paredes por baixo.

— Alicerces em betão — reparou.

Com cuidado, Kitty subiu até ao alpendre, onde correntes ferrugentas suspensas do teto e algumas tábuas partidas no chão evidenciavam que ali existira um banco de baloiço. Imaginou o bisavô ali sentado, a contemplar a vista, quiçá com uma cerveja na mão. Afastando a folhagem, tocou na porta da cabana e descobriu que não estava trancada. Lá dentro, estava escuro e cheirava a mofo, para além do odor a cogumelos húmidos e madeira velha.

Os grãos de poeira dançavam em feixes de luz que passavam entre os espaços nas plantas trepadeiras. Quando a visão começou a adaptar-se, Kitty viu que estava numa ampla divisão com um fogão enferrujado, uma cama de ferro antiga onde estava um colchão bolorento, uma secretária de madeira e montes de lixo por todo o lado: jornais amarelados, latas antigas de comida e um par de galochas deterioradas.

Atravessou a divisão com cautela. Para lá de uma porta havia uma casa de banho com uma banheira, um lavatório e uma sanita com a loiça manchada; numa prateleira, encontrava-se um pincel de barba coberto de teias de aranha. Para seu espanto, o autoclismo funcionou quando acionou o puxador e, após um rangido baixo, saiu água escura da torneira. Supôs que devia haver uma ligação a uma fonte de água na colina por trás e uma fossa séptica debaixo de terra, mas deviam ter passado, no mínimo, 30 anos desde a última vez que fora esvaziada.

Voltou para a sala/quarto e caminhou em redor, a verificar o estado das paredes e do teto. Felizmente, o soalho parecia firme sob os pés. Achou que poderia passar ali a noite assim que limpasse o entulho e arrancasse a selva para que entrasse um pouco de ar.

No alpendre, apreciou a vista. Algumas bétulas prateadas interpunham-se entre Kitty e a praia, batida por pequenas ondas. Não havia qualquer sinal de habitações e não lhe chegava qualquer som de trânsito. A margem oposta, a cerca de um quilómetro e meio, estava coberta de floresta densa. Era só ela e as árvores e o lago e isso era glorioso.

Fez o caminho de volta até ao carro para ir buscar a sua bagagem e arrastou-a pela vereda, deixando um rasto de ervas esmagadas. Comeu uma sanduíche de carne de vaca e pepino em conserva da variedade que comprara no aeroporto, bebeu uma lata de *Seven Up* e calçou umas luvas grossas para começar a arrancar as plantas trepadeiras que sufocavam a sua cabana. Reparou que já começava a senti-la como sua. Começava a apaixonar-se por ela.

Uma das plantas era aquela a que ela e os colegas da escola chamavam de erva-peganhosa. Costumavam tentar colá-la às costas uns dos outros sem que o visado desse conta. Outro tipo de trepadeira enchia o ar de esporos que lhe faziam comichão no fundo da garganta. Acautelou-se para que nenhuma folha lhe tocasse na pele, pois sabia que havia hera venenosa na América, mas não estava certa do seu aspeto. Um enxame de moscas pretas minúsculas elevou-se no ar e foi levado para longe pela brisa. Trabalhava com firme determinação, na esperança de que, ao extenuar os músculos por completo, pudesse acalmar os pensamentos tomados de pânico que bradavam na



sua cabeça. *Não penses no Tom. Para de pensar.* Trouxera o telemóvel e o portátil por força do hábito do século XXI, mas estavam ambos desligados. Não suportaria ouvir as suas desculpas e autojustificações, simplesmente não queria lidar com nada daquilo.

Depois de ter arrancado grande parte das plantas, percebeu que as ripas de madeira desgastadas pelo tempo tornavam a cabana numa parte orgânica da paisagem florestal. Apesar de ter apenas uma divisão, era grande, talvez tivesse seis metros de comprimento, tinha janelas toda em volta e o teto inclinado apresentava uma pequena chaminé saliente. Voltou para dentro e encheu com entulho os sacos de lixo reforçados que trouxera, detendo-se para ler alguns cabeçalhos amarelados: o acidente na central nuclear de Chernobyl na então União Soviética (atualmente Ucrânia), a explosão do vaivém espacial *Challenger*. Há muito que as molas do colchão tinham cedido, por isso arrastou-o para a rua para tratar dele mais tarde e desdobrou o saco-cama que trouxera, estendendo-o num canto.

Quando acabou, o sol estava a pôr-se no lago e os pássaros chilreavam, consumindo o que lhes restava de energia para esse dia. Foi sentar-se no alpendre a ouvir. Um noitibó piou e o som que fez lembrava um uivo de lobo. Ouvia-se o silvo da passagem de morcegos indistintos e os sapos coaxavam à distância.

De repente, viu algo a reluzir debaixo da madeira rachada dos degraus, escondido entre as raízes da árvore. Deitou-se completamente, esticando o braço para alcançar o objeto e ficando de imediato surpreendida pelo peso que sentiu. Puxou-o para fora e viu que era um objeto oval dourado, com menos do que dois centímetros e meio, que tinha pequeníssimas joias coloridas embutidas — azuis, rosa e âmbar — dentro dos tentáculos de ouro enrolados que o envolviam, como flores numa vinha. Parecia caro. Na parte de trás, conseguia distinguir algo gravado, mas estava desgastado pelo tempo. Tinha um orifício em cima, que assumiu servir para colocar num fio. Alguém devia ter ficado muito abalado por ter perdido um pingente tão espantoso. Nunca vira nada igual.

Kitty guardou-o no fundo do bolso das calças de ganga e abriu outra sanduíche do aeroporto, desta vez de peru e alface. Foi o seu jantar, acompanhado de uma garrafa miniatura de *Chenin Blanc* que comprara no avião, sentada com as pernas penduradas na orla do alpendre. Defronte dela, as árvores balançavam com a brisa suave e a superfície plana do lago refletia as cores dramáticas do céu, que passaram de um rosa pálido para cor de malva, depois para dourado e, por fim, para um tom de bronze, tão vívido e surreal como os planos de abertura pintados de um filme de Hollywood.

## Capítulo Um

*Tsarskoe Selo, Rússia, setembro de 1914*

Dmitri Malama recuperou a consciência devagar, acordando de um sono profundo, vagamente ciente de vozes que sussurravam e do murmúrio da brisa fresca no rosto. Tinha uma terrível dor de cabeça, uma dor incômoda e constante por trás das têmporas, agravada pela claridade da luz. De súbito, lembrou-se que estava numa enfermaria. Tinha sido levado para ali na noite anterior e a última coisa de que se recordava era de uma enfermeira a dar-lhe láudano misturado com água.

Lembrou-se então da perna: tê-la-iam amputado durante a noite? Desde que fora ferido na frente de combate que vivia com medo de que infetasse e que pudesse perdê-la. Abriu os olhos e apoiou-se nos cotovelos para ver: viu duas formas. Afastou o lençol e sentiu um imenso alívio ao ver a perna esquerda envolvida em ligaduras, mas indubitavelmente presente. Agitou os dedos dos pés para confirmar e deixou-se cair na almofada, tentando ignorar os diferentes tipos de dor na perna, na cabeça e nas entranhas.

Pelo menos, tinha duas pernas. Sem elas, deixaria de poder servir o seu país. Seria enviado de volta para viver com a mãe e o pai, sem préstimo para nada, uma criatura deplorável a claudicar num coto de madeira.

— Acordou. Quer comer alguma coisa? — À sua cabeceira, estava sentada uma enfermeira atarracada, com o vestígio de um buço, e que, sem esperar pela resposta, lhe ofereceu uma colher de papa de aveia aguada. Sentiu o estômago dar voltas, pelo que virou a cabeça. — Muito bem, volto mais tarde — disse, tocando-lhe levemente na cabeça com dedos frios.

Fechou os olhos e deixou-se levar para um estado meio acordado, meio a sonhar. Ouvia sons na enfermaria à sua volta, mas sentia a cabeça pesada como chumbo, os seus pensamentos eram uma salganhada de imagens: da guerra, do seu amigo Malevich baleado e a esvaír-se em sangue sobre a erva, das duas irmãs, da casa.

Ao fundo, ouviu o tinido de um riso feminino. Não parecia a recatada enfermeira que estivera a cuidar dele ainda há pouco. Entreabriu os olhos e viu as silhuetas altas e esbeltas de duas jovens enfermeiras com toucados brancos e resplandecentes e batas compridas e sem forma. Se tivesse sido aquela a primeira vez que acordasse naquele lugar, talvez julgasse ter morrido e estar na presença de anjos.

— Eu conheço-o — disse um dos anjos, deslizando até junto da sua cama. — Fazia parte da guarda imperial no Palácio Peterhof. Não foi o senhor que mergulhou no mar para salvar um cão?

A sua voz era suave e bonita. Ao aproximar-se, apercebeu-se com um sobressalto de que se tratava da grã-duquesa Tatiana, a segunda filha do czar Nicolau. Enquanto Olga, a mais velha, era parecida com o pai, Tatiana herdara a estrutura óssea ligeiramente oriental da mãe. Olhava para ele com uns intensos olhos violeta-acinzentados, à espera de uma resposta.

— Sim, receio bem que tenha sido eu. Fiquei com a farda arruinada, o meu comandante ficou furioso e o cão era um cão vadio que sacudiu a água do pelo e desatou a correr sem sequer agradecer. — Sorriu. — Estou admirado por saber disso, Sua Alteza Imperial.

Devolveu o sorriso.

— Ouvi uns guardas a falarem disso e pedi-lhes que me indicassem quem tinha sido. Deve mesmo gostar de cães.

— Gosto muito. Em casa, tenho dois, um *borzoi* e um *laika*. São uns diabinhos, mas tenho muitas saudades deles.

— O pai gosta muito de *borzois*. Tinha um que o pai dizia ser mais inteligente do que a maior parte das pessoas e ficou desolado quando morreu. — Franziu o nariz graciosamente. — Mas os que o pai tem nos canis estão sempre a ladrar. Adorava ter um cão no palácio, mas teria de ser mais sossegado. Talvez possa aconselhar-me algum?

Sentiu-se honrado por uma grã-duquesa estar a conversar com ele daquela forma tão natural e trivial.

— Claro que sim, Sua Alteza Imperial. Gosta mais de cães grandes ou pequenos?

— Acho que pequenos. E não precisa de me chamar “Sua Alteza

Imperial”. Aqui sou enfermeira, não sou membro da família real. Eu, a mãe e a minha irmã Olga somos todas enfermeiras treinadas para ajudar no esforço de guerra. Hoje em dia sou conhecida como “Enfermeira Romanova Terceira”, enquanto elas são a Primeira e a Segunda.

Soltou um riso abafado face às alcunhas impessoais.

— Gosta de *terriers*, Enfermeira Romanova Terceira? O *terrier* preto da Rússia é um cão inteligente e não é muito ruidoso. Os *spaniels* também são muito populares junto das senhoras devido ao seu pelo sedoso. E temos também as raças pequenas de buldogues. Eu gosto bastante de buldogues franceses.

Bateu palmas.

— Oh, sim! Adoro aqueles focinhos enrugados, como se carregassem as inquietações do mundo nos ombros.

A sua irmã Olga, o outro anjo de branco, chamou-a para dizer que ia passar à próxima enfermaria. Dmitri julgou que Tatiana a seguisse, mas deixou-se ficar.

— Vejo que tem um ferimento na perna — constatou. — Tem muitas dores? Quer que lhe traga alguma coisa?

Abanou a cabeça.

— Obrigado, estou bem. Estou só irritado por ter sido descuidado a ponto de me deixar ferir na primeira semana de guerra.

— É um ferimento de bala?

Recordou o momento quando correu a resgatar Malevich do campo, arrastando-o pelo colarinho. Em retrospectiva, sentira uma pancada na coxa, mas não dera grande importância, concentrando-se antes em salvar o amigo.

— É. Não dei conta de ter sido atingido até regressarmos à base. Foi estranho já que a dor e o sangramento só começaram nessa altura. — De súbito, o sangue começara a jorrar e sucumbira na relva. Não se sabia porque não sangrara antes, no campo de batalha — como se um santo estivesse a velar por ele. Depois de sucumbir, lembrava-se de ter sentido muito calor e de começar a ter calafrios, de dentes cerrados, e tinham-lhe rasgado as calças, revelando um buraco irregular que atravessava a coxa esquerda e passara de raspão na direita. Felizmente, a bala não se alojara no corpo. Talvez por isso os cirurgiões tenham conseguido salvar-lhe a perna. Ao longo das últimas semanas fora transportado desde a frente de batalha em Gumbinnen, na Prússia Oriental, passando por diversos postos médicos, até ao Palácio de Catarina em São Petersburgo, onde os grandes salões de receções tinham sido convertidos em enfermarias.

Tatiana perguntou-lhe a que regimento pertencia e, quando ouviu que fazia parte do 8.º Voznesensk Uhlands, exclamou:

— É um dos meus homens! Tenho de cuidar de si com especial atenção. — Aquando do 14.º aniversário, tanto Olga como Tatiana tinham sido agraciadas com comandos honorários dos seus próprios regimentos.

— É uma grande honra ser tratado pela minha coronel. — Fez um sorriso rasgado. — Mas, consigo por aqui, parece que vou ter de me comportar bem.

Conversaram algum tempo sobre a guerra, desencadeada umas semanas antes pelo militarismo desenfreado do *Kaiser* alemão. Ainda era um choque para Dmitri e Tatiana confessou-lhe que era um choque ainda maior para eles, uma vez que tinham muitos parentes alemães e a mãe nascera na Alemanha. Chamava sacana ao *Kaiser*. Olga espreitou à procura da irmã e fez um gesto breve e impaciente com as mãos abertas.

— Tenho de ir trabalhar — disse Tatiana. — Tenho de ir acompanhar uma enfermeira mais experiente e ela já deve estar à espera. Mas diga-me, haverá alguma coisa que eu possa fazer para tornar a sua estadia mais confortável?

— Será que não tem um livro para me emprestar? Qualquer livro. Adoro ler. — Esperava não parecer presunçoso. — Obviamente que o devolveria.

Pareceu encantada.

— Eu também adoro ler. Quem são os seus escritores preferidos?

Hesitou. Eram tantos os bons escritores que, hoje em dia, eram anticzaristas: Aleksandr Kuprin, Máximo Gorki, Ivan Búnin... devia escolher de uma outra época:

— Tolstói, claro. E Tchékhov.

— Concordo consigo — disse. — Prefiro indubitavelmente os clássicos aos escritores modernos. O meu favorito é Turguéniev. Já leu *Pais e Filhos*?

Dmitri ficou surpreendido, uma vez que o romance falava da geração mais nova que rejeitava os valores da antiga ordem aristocrática.

— Não o leio desde criança. Adoro a poesia da linguagem de Turguéniev. Invoca imagens que estimulam a alma.

Parecia divertida:

— Parece um escritor a falar.

Dmitri fez uma careta.

— Quando era jovem, mantinha um diário, mas agora há muito tempo que não escrevo. Eram só queixumes e cheio de autocomplacência.

— Deveras? Eu tenho um diário. Tento descrever os acontecimentos do dia com exatidão. Gosto do desafio de encontrar precisamente as palavras certas e, muitas vezes, surgem-me quando estou a fazer algo completamente diferente: a trabalhar aqui no hospital ou a bordar ou... — Deteve-se, corando ligeiramente.

Dmitri gostava da forma como ela falava, devagar, a apreciar as palavras, e da inteligência que conseguia perceber no seu olhar.

— Nesse caso, tem os instintos de um escritor.

Deu uma gargalhada.

— Oh, não podia ter essa pretensão... para além de mim, ninguém lê o meu diário.

— Sem um público, expressam-se os sentimentos mais genuínos. Eu achava a escrita muito útil para me compreender a mim mesmo. Sabe aqueles momentos em que, por vezes, reagimos instintivamente, de formas que nos intrigam? Pensamos: mas porque é que estou zangado? Porque é que aquilo me deixa triste? É fascinante deslindar a ínfima faísca que provocou essa reação, quiçá apenas uma nuance involuntária, algo que tocou num ponto e desencadeou a emoção de uma experiência passada há muito... a natureza humana é o estudo mais empolgante que existe. — Parou, sentindo que estava a falar de mais e que talvez a estivesse a maçar, mas ela parecia estar a ouvir atentamente.

— Sei exatamente o que quer dizer — concordou, mordendo o lábio como se um exemplo estivesse a saltitar despercebido pela sua cabeça.

Dmitri observou, pensando em como ela parecia ser uma rapariga tão aberta e natural. Contava que as filhas do czar fossem altivas e sofisticadas, como as senhoras da alta aristocracia de São Petersburgo, mas Tatiana não parecia querer fazer-se de importante. Falava com ele como se fosse seu igual.

— Enfermeira Romanova Terceira — chamou uma mulher da porta.

— Já vou, irmã Chebotareva. — Sorriu para Dmitri calorosamente e disse: — Até amanhã — e saiu apressadamente da enfermaria.

Com um sorriso nos lábios, Dmitri ficou a vê-la afastar-se, tendo esquecido a dor por completo. Ficou a pensar na idade de Tatiana, chegando depois à conclusão de que tinha 17 anos, seis anos mais nova do que ele. Pela forma de estar, parecia ainda mais jovem. E era muito mais bonita do que alguma vez imaginara quando a vira à distância. A sua pele era de uma suavidade perfeita, os seus olhos como lagoas profundas, os seus lábios pareciam tingidos por bagas silvestres... Se não fosse uma Romanov, Dmitri tê-la-ia



namoriscado. Durante os seus anos na guarda imperial tinha feito muitas conquistas entre as jovens senhoras nobres de São Petersburgo, embora nenhuma tivesse prendido o seu interesse por muito tempo. Mas ali estava uma rapariga pela qual poderia facilmente apaixonar-se.

## Capítulo Dois

Na manhã seguinte, Dmitri abriu os olhos e fitou o teto, onde cupidos, grifos e outras criaturas mitológicas dançavam em semicírculos azul-violáceos. Um enorme lustre de várias filas reluzia à luz do sol. As paredes eram de um branco sedoso com flores azuis delicadamente pintadas. Encontrava-se na Sala de Desenho Azul do Palácio de Catarina, um lugar para onde olhara de relance algumas vezes quando servira na guarda imperial. O seu vizinho da cama ao lado, um homem chamado Stepanov, disse-lhe que as salas de recepções do Palácio de Inverno também tinham sido convertidas em enfermarias improvisadas para oficiais feridos. Tinham retirado os adornos e a inestimável mobília fora substituída por camas de hospital, mas os cães das chaminés e o guarda-fogo eram em bronze dourado e o relógio elaborado sobre a lareira mostrava os deuses gregos Baco e Momo em mármore e bronze. A fortuna dos Romanov era incomensurável.

A família real já não vivia no Palácio de Catarina, preferindo a relativa privacidade do Palácio de Alexandre no inverno, do Peterhof no verão e o luxo extravagante do iate real, o *Standart*, ou o Palácio na Crimeia em Livadia, nas férias. A maior parte dos grandiosos palácios ao longo das margens do Báltico em São Petersburgo, onde Dmitri trabalhara, eram mantidos para fins cerimoniais: para receber dignitários de visita e como pano de fundo para ocasiões de estado.

Como deverá ter sido crescer com tal riqueza infundável?, interrogou-se Dmitri. Ter uma casa de elefantes e um teatro chinês no jardim, ser conduzida

por motoristas de farda em novos e reluzentes automóveis, poder comprar tudo o que o coração desejasse? Tatiana não parecia uma menina mimada, mas a absoluta magnificência da sua educação certamente a distinguiu. Sabia que as suas roupas eram confeccionadas por costureiros franceses e que os chapéus eram expedidos por barco de uma loja da moda em Londres, que o perfume que usava era da Brocard & Co e que os sapatos eram feitos por Henry Weiss. Dera muitas vezes conta de entregas feitas por mensageiro especial. Embora fosse filho de um general do exército, membro de uma família de classe alta e bem relacionada, certamente não poderia acalentar a esperança de alguma vez poder ser próximo de Tatiana. Isso era impossível, não era?

Olhou para o relógio, perguntando-se a que horas iria ela chegar. No dia anterior, já a manhã ia a meio quando ela se deteve junto à sua cama. Conseguiu tomar o pequeno-almoço e a enfermeira de bigode mudou-lhe a roupa. Trouxe-lhe uma bacia com água e uma navalha e ele fez a barba e penteou-se, ansioso por parecer apresentável para a visita de Tatiana.

Surgiu às dez, de faces rosadas da pressa, com três livros enfiados debaixo do braço.

— Espero não tê-lo feito esperar. Tive aulas, depois tive de ir à Igreja Znamenie rezar pelos nossos soldados. Aqui tem... será que algum destes poderá interessar-lhe? — Pousou os livros na colcha e puxou uma cadeira, sentando-se ao lado da cama.

— É muito simpática, Enfermeira Romanova Terceira. — Dmitri sorriu. Pegou no primeiro livro: *Pais e Filhos* de Turguéniev. — Vou gostar de visitar este para ver se está à altura da memória que tenho dele. — Tatiana observou com impaciência enquanto Dmitri examinava os restantes. — Nunca li a *A Sonata de Kreutzer* de Tolstói, pelo que estou ansioso por lê-lo. E os contos de Gorki são perfeitos: lembro-me de um sobre a escavação de um túnel através de uma montanha... já leu?

— Ah, esse é muito perturbador. Acha verosímil que as montanhas tenham um espírito que pode fazer mal a quem as danifique?

Nesse dia, os seus olhos pareciam acinzentados, com salpicos de violeta em redor do rebordo da íris. Uma gavinha de cabelo castanho-avermelhado descaíra da lateral do toucado branco.

— Lembro-me de ver esse túnel a ser escavado e de pensar que parecia uma ofensa à Natureza. Gorki capturou essa sensação de uma ferida a ser infligida. Agradeço-lhe os livros. Agora que tenho uma ocupação tão interessante, vou deixar de ser um paciente tão insubordinado e exigente. — Afagou a dispendiosa encadernação em couro de Marrocos.

Tatiana olhou em redor, sem saber se haveria de acreditar nele, até que percebeu que ele estava a gracejar com ela.

— Talvez possamos discuti-los quando terminar. Adoro falar sobre livros. Costumo escrever críticas no meu diário.

— Não sei como consegue ter tempo para escrever um diário. Parece que os seus dias são bastante ocupados: enfermeira, grã-duquesa, coronel...

— Estava a lançar o isco, na tentativa de saber mais sobre a vida dela.

— Escrevo todas as noites, antes de ir para a cama. Por acaso, ontem à noite escrevi sobre si. — Corou. — A mãe contou-me que é um herói, que resgatou um oficial ferido sob fogo inimigo. Vai condecorá-lo com a Espada de Ouro.

Dmitri ficou surpreendido.

— Trata-se de uma apólice subscrita por todos os soldados. Quando temos a oportunidade, corremos a trazer de volta os feridos, na esperança de que, um dia, alguém faça o mesmo por nós. — Não lhe contou que o oficial era seu amigo e que ainda não soubera se Malevich sobrevivera aos ferimentos. Sabia que haveria de ficar com um nó na garganta se falasse nisso.

— Seja como for, estou certa de que não concedem condecorações por bravura a qualquer um. Desconfio que esteja a ser modesto. Possui um ar heroico. — Os seus olhos cintilavam.

Desta vez, Dmitri deu uma gargalhada.

— Não sei bem como é um ar heroico! O meu pai, sim, foi um autêntico herói. Era general de cavalaria no exército do czar Alexandre, que serviu em várias campanhas e que, em 1904, se tornou vice-rei da Geórgia. Tem tantas condecorações presas ao dólmen que chega a ter o peso de uma armadura. Eu não passo de um soldado de cavalaria a seguir ordens.

— O seu pai está a combater nesta guerra?

— Não, reformou-se e regressou à minha terra-natal, Lozovatka, na província de Evkaterinskaya.

— Não conheço. É bonita?

Dmitri torceu o nariz.

— É uma localidade muito pequena, na margem de um bonito rio, não muito longe do mar de Azov, mas Sua Alteza Imperial não teria motivos para a visitar. A sociedade existente não é relevante. Durante a minha infância, era uma localidade rural, mas começaram a exploração de minerais e foram feitos grandes rasgos na paisagem, tal como o túnel de Gorki.

— Vem de uma família numerosa? — Olhava-o atentamente. — Como foi a sua infância?

— Não tão numerosa como a de Sua Alteza Imperial. Tenho duas irmãs mais velhas, Vera e Valerina, mas não tenho irmãos. Estavam sempre a tentar convencer-me a entrar nos seus jogos, a fantasiarem-me e a fazerem-me entrar nas suas peças. Não faz ideia de como é benéfico para o carácter quando um rapaz é forçado a usar uma peruca e um vestido e *rouge* nas faces! Consegui escapar por volta dos nove anos depois de fazer amizade com um guarda da propriedade da nossa família. Ensinou-me a caçar e a pescar, uma vez que o meu pai estava muito tempo ausente. No fim de contas, foi uma infância bastante mediana. — Não lhe contou sobre as terríveis discussões quando o seu irascível pai regressava nem sobre as violentas tarefas que teve de suportar, muitas vezes com um chicote.

— Diga-me, as suas irmãs são casadas?

— A Vera é casada com o príncipe Alexandre Eristavi-Ksani da Geórgia, mas a Valerina ainda vive em casa com os meus pais. Tem 26 anos e espero que ainda encontre um marido, mas é a mais reservada das duas, talvez seja até um pouco tímida. Sou muito próximo dela.

— Adorava conhecê-las! — exclamou Tatiana. — Não conheço quase nenhuma mulher fora da nossa família. Quando a guerra rebentou, a mamã tinha acabado de permitir que eu e a Olga frequentássemos ocasionalmente um baile ou uma *soirée*. Costumávamos ouvir a música a ser levada pelo vento até às janelas e víamos as requintadas senhoras a patinarem no gelo do Báltico, mas, por mais que implorássemos à mamã, raramente tínhamos autorização para nos juntarmos a elas. Por vezes, a tia Olga, a irmã do papá, convidava-nos, mas julgo que as senhoras se sentiam constrangidas quando se apresentavam. Não fosse esta guerra e o seu ferimento, talvez nunca o tivesse conhecido, alferes Malama.

— Fico muito feliz por nos termos conhecido, Enfermeira Romanova Terceira. As nossas conversas estão a ajudar a aliviar a minha frustração por estar preso a esta cama, os meus ouvidos são atacados pelos resmoneios e roncões dos meus camaradas oficiais. — A mão dela estava pousada na roupa da cama, a curta distância da sua e ele ansiava por lhe tocar ou, até, levá-la aos lábios. Talvez o tivesse feito com outra mulher, mas não se atrevia a tentar com uma grã-duquesa Romanov.

A sua irmã Olga entrou na enfermaria e acercou-se deles. Era mais baixa do que Tatiana e não tinha a mesma beleza, tinha feições mais rudes e vulgares olhos azuis.

— Quem é o paciente que ocupa todo o seu tempo? — perguntou, com um olhar divertido. — Será o alferes Malama, o oficial sobre o qual nos

deleitou a todos ontem ao serão? — Tatiana ruborizou e Dmitri inclinou a cabeça, dizendo:

— *À votre service.*

— Peço perdão pela interrupção — prosseguiu Olga —, mas a irmã Chebotareva pediu-nos que fôssemos ao anexo mudar os pensos.

Tatiana levantou-se.

— Agradeço-lhe novamente pelos livros — disse Dmitri. — Vou já começar o Turguéniev.

— Mais tarde, venho ver quanto já leu — prometeu Tatiana.

As irmãs saíram à pressa e Dmitri ficou deitado, sentindo-se aturdido. Tatiana parecia gostar dele. Pelo menos, parecia gostar de conversar com ele e já tinha falado dele à mãe e à irmã. Significaria isso que poderia haver uma hipótese de união entre ambos? A sua família era abastada, mas a fortuna que possuíam não era nada em comparação com as imensas riquezas dos Romanov. Poderia ser considerado de uma condição demasiado humilde? Esperariam encontrar príncipes estrangeiros para as quatro raparigas Romanov ou poderiam contentar-se com o filho de um general russo?

Stepanov dirigiu-se a ele:

— Parabéns! Ouvi-a dizer que vai ser condecorado com a Espada de Ouro!

Dmitri franziu o sobrolho, incerto quanto ao que Stepanov ouvira da conversa. Não lhe apetecia falar. Queria fechar os olhos e recordar a fragrância adocicada a jasmim da pele de Tatiana, a franqueza do seu olhar, o tom suave da sua voz, a forma como as suas emoções tremeluziam no seu rosto para quem quer que tivesse a preocupação de as interpretar. Abriu a capa do romance de Turguéniev e reparou que Tatiana escrevera o seu nome no frontispício, em russo e em inglês, com uma caligrafia cuidada e espaçada uniformemente. Passou os dedos levemente pelo nome, ergueu o livro e inalou o odor das páginas. Deveria tentar impedir-se de se apaixonar por ela? Desconfiava, porém, de que já poderia ser demasiado tarde.



## Capítulo Três

— Já soubeste das notícias de Tannenburg? — chamou Stepanov, interrompendo os devaneios de Dmitri. — É uma catástrofe: 78.000 mortos ou feridos. 92.000 feitos prisioneiros e o general Samsonov morto pela sua própria mão. — Estava a ler os números num jornal.

Dmitri já sabia que o Segundo Exército Russo tinha sido cercado pelos alemães, mas só agora ouvira o número de baixas. Sentiu-se agoniado perante a enormidade da chacina.

— Como é que isso pôde acontecer? Porque é que os serviços secretos alemães são muito melhores do que os nossos? Parece que conseguem intercetar todas as nossas mensagens; porém, nós desconhecemos os seus planos.

Stepanov fez um esgar.

— Também estão mais bem apetrechados. As suas espingardas têm maior alcance, mais poder explosivo. O facto de sermos superiores em número não conta para nada quando somos enviados para o campo de batalha com armas do século XIX.

Dmitri pensou nos amigos que deixara na frente de combate: restaria algum vivo ou teriam sido todos abatidos pelas grandes espingardas fortuitas? O exército russo era o maior exército do mundo, mas o inimigo alemão era mais ágil, mais flexível.

— Vamos perder esta guerra em poucos meses se não tivermos armas modernas e se não nos tornarmos mais rápidos em campo. A nossa cadeia de

comando é demasiado lenta e hesitante. As alterações das ordens demoram tanto a ser implementadas que quando isso acontece já o inimigo avançou.

Stepanov mostrou-se desalentado:

— De acordo com o editor deste jornal, não podemos competir com a rede de caminho de ferro que apoia o exército alemão. Ainda andamos a cavalo, mas os dias de cavalaria no campo de batalha estão contados. Um cavalo representa um grande alvo e as armas potentes deixam-nos apavorados.

Dmitri concordou, mas isso significava que tudo o que aprendera no respeitado Corpo Imperial de Pajens e, depois, no Regimento da Guarda de Lanceiros de Uhlan, estava ultrapassado. Era um hábil cavaleiro, mas nada sabia quanto ao posicionamento, carregamento e disparo dos grandes projéteis de artilharia que agora eram usados. Tinha alcançado distinções nos seus exames de Ciências, História Militar e Matemática, mas não tinha qualquer experiência na nova e devastadora tecnologia militar.

Às dez horas da manhã seguinte, Tatiana entrou saltitante na enfermaria, repleta de entusiasmo:

— Malama, porque é que não me contou que ganhou o Stoverstny?

Desde o início, Dmitri liderara a célebre corrida de cavalos do ano anterior, com a *Ortipo*, a sua égua conhaque.

— Isso aconteceu há muitas luas — disse. — Fico lisonjeado por ter andado a pesquisar sobre a minha pessoa.

— Obviamente que andei — retorquiu, sentando-se à beira da cama, uma vez que não havia qualquer cadeira visível. Com qualquer outra rapariga, teria considerado um gesto atrevido, mas Tatiana fê-lo naturalmente, sem astúcia. — Estou a tentar descobrir o que o emociona.

— Temo revelar-me um objeto de estudo bastante desinteressante. — Sorriu. — Sou um oficial do exército, ansioso por regressar ao meu regimento logo que possa, para lutar pelo meu país. Sou tão previsível que me aborreço a mim mesmo.

— Não permitirei que parta — afirmou Tatiana, a brincar. — Na qualidade de sua coronel, ordeno-lhe que fique.

Olhou para o fundo da enfermaria, onde Olga estava sentada na cama de um oficial chamado Karangozov, antes de responder:

— Não posso desobedecer a uma ordem direta. Talvez julgue que o exército se sairá melhor sem mim.

Disse, entre risadinhas:

— Sair a correr e deixar-se levar um tiro com certeza que leva a um esgotamento dos efetivos. Tem de ficar aqui para me distrair.

— Mas é a enfermeira que trata de toda a distração, enquanto eu fico aqui, como uma massa inútil. A vida na enfermaria seria insuportavelmente entediante sem a expectativa das suas visitas.

— Talvez em breve consiga acompanhar-me num passeio pelos jardins. A temperatura está amena e as folhas estão a ganhar tons brilhantes de vermelho e amarelo.

Olhou de relance pela janela alta para as nuvens que deslizavam no céu. Sempre que Tatiana dizia algo pessoal, o seu coração quase saltava do peito. Falaria de forma tão amável com outros pacientes? Certo era que, naquela enfermaria, detinha-se junto à sua cama muito mais tempo do que junto às outras.

— Gostaria muito, minha coronel — respondeu, um pouco enrouquecido.

A mãe dela, a czarina Alexandra, entrou de súbito e Olga e Tatiana saltaram das camas dos oficiais.

— Porque não muda o penso do alferes Malama? — instruiu a czarina a Tatiana, fazendo um ligeiro aceno com a cabeça a Dmitri. — Olga, acompanhe-me ao anexo.

Tatiana foi buscar água, tesoura e ligaduras e Dmitri retraiu-se perante a ideia de ela ver a hediondez do seu ferimento. Sabia que não era mal parecido, de cabelo louro escuro e olhos cor de avelã, mas a sua perna esquerda estava marcada por cortes profundos de ambos os lados, que apresentavam cores horrendas à medida que saravam: linhas irregulares e arroxeadas, rodeadas de inchaços acinzentados e alaranjados, a pele sem pelos onde a lâmina passara. Ao menos as feridas já não sangravam nem escorriam pus, mas eram imperfeições que preferia manter escondidas.

Não conseguiu olhar para ela enquanto os seus dedos frios limpavam em redor das feridas. O seu toque estava a levar o seu membro viril a endurecer, levando-o a retorcer-se para amarfanhar a roupa da cama de modo a cobri-lo, para que ela não reparasse. Era, em simultâneo, angustiante e maravilhoso. Não falaram, não olharam um para o outro, levando-o a pensar se ela também estaria envergonhada.

— Não esteve mal — disse-lhe, enquanto Tatiana atava o último nó das ligaduras, começando a recolher os instrumentos. — Pode fazer carreira na enfermagem, caso se aborreça de ser grã-duquesa.

— Muita agradecida, senhor. — Fez uma vénia, com uma falsa delicadeza. — O meu objetivo é agradar. Volto mais tarde para verificar se não está a ser indisciplinado.

Ao falar, olhou-o diretamente nos olhos, provocando-lhe um sobressalto, como se tivesse sido atingido pela seta de Cupido. As palavras dos poetas ao longo de gerações, as palavras que anteriormente considerava banais e frases feitas, pareciam, de súbito, fazer todo o sentido. Sentia-se, em simultâneo, delirantemente feliz e descontroladamente ansioso. Teria Tatiana sentimentos amorosos por Dmitri ou gostaria tão-somente da sua companhia? Como iria dar-lhe a saber que se apaixonara por ela, sem causar constrangimentos nem estragar a intimidade que estava a desenvolver-se entre os dois?

Ao longo das intermináveis horas de repouso, Dmitri estudou formas de averiguar os sentimentos da rapariga, decidindo, por fim, que deveria dar-lhe um presente: algo pessoal, algo que estimasse. Um livro? Não tinha forma de saber o que ela lera ou não lera, e parecia um presente muito sério. Joias? A família possuía ouro aparatoso e pedras preciosas que jamais poderia pensar em sequer alcançar. Até que se recordou do assunto da primeira conversa entre ambos e a resposta chegou: iria oferecer-lhe um cachorro.

Conhecia um criador em São Petersburgo que tinha alguns adoráveis buldogues franceses. Um deles haveria de ser perfeito, mas como o faria chegar a Tatiana? Queria assistir à sua reação ao receber o presente, por isso não podia simplesmente pedir que fosse entregue no Palácio de Alexandre.

Nessa noite, a dama de honor da czarina, Anna Vyubova, foi aconchegar-lhe as almofadas. Tinha um rosto rechonchudo e amável e era uma amiga com quem a sua mãe ficava muitas vezes quando vinha a São Petersburgo para a época dos eventos de sociedade. Perguntou pela família de Dmitri, que decidiu pedir-lhe conselho. Considerava aceitável que ele comprasse um cachorro como presente para a grã-duquesa Tatiana? Explicou que gostaria de a surpreender.

O rosto de Anna iluminou-se de alegria.

— Isso é adorável! — exclamou. — Estou certa de que a grã-duquesa adoraria. O que posso fazer para ajudar?

Dmitri indicou-lhe onde era o criador e explicou ao pormenor o tipo de animal que pretendia: não queria o mais pequeno da ninhada, queria um cachorro confiante em redor de pessoas, que não se assustasse com facilidade.

— Escolha aquele que venha farejar uma mão estendida e que olhe para si de lado. Evite aqueles que recuem e que ladrem ou que mostrem os dentes. Quero um cachorro brincalhão, mas que não use os dentes. Não podemos arriscar que morda a grã-duquesa.

Anna concordou que o ajudaria a escolher, seguindo os conselhos de Dmitri. Parecia empolgada por fazer parte do segredo.

Passados dois dias, parou junto à sua cama para lhe segredar que o criador tinha o cachorro perfeito e que ela já o encomendara, embora ainda demorasse uma semana até estar preparado para ser retirado à mãe. Dmitri sentiu-se frustrado com o atraso. Via Tatiana diariamente e, para além das visitas matinais, ela e Olga regressavam agora ao final da tarde. Às seis, tinham uma aula com a Dr.<sup>a</sup> Vera Gedroitz, finda a qual esterilizavam os instrumentos para o dia seguinte. Se restasse tempo depois disso, Olga tocava piano e cantavam algumas músicas bem conhecidas, como a adorada canção letã “Kaut Kur”. Tatiana cantava baixinho, mas Dmitri conseguia perceber que tinha uma voz pura e melodiosa.

No dia em que o cachorro estava pronto para ser entregue, Dmitri passou a Anna Vyrubova as instruções finais quanto à compra de um cesto no qual o transportar, uma coleira, ração, uma malga para a água e um tabuleiro para os dejetos, dando-lhe dinheiro para pagar. Quando, uma hora mais tarde, regressou com o valioso carregamento numa caixa, Dmitri deu uma olhadela e sorriu de orelha a orelha: era perfeito. Anna foi procurar Tatiana, que se encontrava no anexo.

Não tardou que entrasse na enfermaria, esbaforida.

— A Anna Vyrubova disse que precisava de falar comigo. — Reparou na caixa. — O que é isto?

Estendeu-lhe a caixa.

— Um presente, para lhe agradecer a paciência que tem comigo. — De dentro da caixa ouviam-se sons ofegantes e fungadelas.

Tatiana pegou na caixa e abriu-a com cautela. Um pequeno focinho preto espreitou para lhe lambe a mão, levando-a a dar um guincho de contentamento. O cão cabia facilmente nas suas mãos em concha e ela observou as orelhas pontiagudas, a ruga entre os olhos, os refegos do focinho, depois inclinou-se e deu um beijo na cabeça aveludada.

— Malama... — começou por dizer, levantando os olhos, mas não conseguiu prosseguir. Estava avassalada, praticamente sem palavras, mas não importava, pois Dmitri conseguia perceber nos seus olhos que ela o amava. E agora certamente ficara a saber que ele também a amava. O seu coração inchou com uma tal felicidade que mal conseguia respirar.

## Capítulo Quatro

Outubro trouxe ventos gélidos do Ártico, bem como aguaceiros de chuva furiosa. Um dia, quando a chuva amainou, Tatiana encontrou uma cadeira de rodas e empurrou Dmitri até aos bonitos e bem cuidados jardins do Palácio de Catarina, para que pudessem começar a treinar a pequena buldogue a que ela dera o nome de *Ortipo*, em honra do cavalo de Dmitri. Dmitri mostrou a *Ortipo* um pedaço de frango e estendeu a mão, dando instruções em voz bem alta para que a cadela se sentasse, enquanto Tatiana demonstrava, empurrando-lhe o rabo com a mão. Contudo, assim que tirou a mão, *Ortipo* saltou para a cadeira de rodas, na tentativa de morder o pedaço de frango. Tatiana voltou a tentar, levando apenas a que a cachorra desse um salto e deixasse a marca das patas enlameadas na sua farda branca de enfermeira.

— Parece-me que temos aqui uma que não é possível de amestrar — riu-se, sacudindo a sujidade com a mão.

— Não há cães impossíveis de amestrar — respondeu Dmitri. — Mas esta cadela parece apresentar um desafio maior do que é habitual. Desconfio que está a estragá-la com mimos quando não estou por perto.

Pelo menos, *Ortipo* já dominava a arte de esperar até chegar ao exterior para fazer as suas necessidades, o que provava um determinado nível de obediência, ainda que baixo. Apesar dos esforços de ambos, queria saltar para todas as pessoas que passavam, ladrava enfurecidamente aos jardineiros e recusava obedecer quando a chamavam, a menos que lhe oferecessem comida. Riam até não poderem mais quando corria pelo relvado a tentar



apanhar as folhas levadas pelo vento ou quando perseguia gaiivotas enormes, que levantavam voo quando já estava a escassos metros.

— O que acha que ela faria se apanhasse uma? — perguntou Tatiana.

— Apanharia o susto da vida dela. Estas gaiivotas gigantes conseguem ser ferozes. — Pareciam dois pais orgulhosos e Dmitri estava encantado por ter a cadela como pretexto para passarem tempo juntos, sem que ninguém questionasse o motivo. Nem sequer tinham uma acompanhante.

Tatiana empurrara a cadeira até perto da gruta artificial de pedra calcária à beira do Grande Lago quando começou a chuveirar, pelo que foram abrigar-se na gruta. As paredes exteriores estavam decoradas com conchas do mar e o tema marinho continuava no interior com máscaras de Neptuno nas janelas e golfinhos e tritões esculpidos nos pilares que suportavam o teto abobadado. *Ortípo* correu de um lado para o outro a farejar os cantos, enquanto Dmitri e Tatiana aguardavam junto à entrada que as nuvens de chuva passassem.

— A tia Ella perguntou sobre o Dmitri ontem à noite — disse, olhando-o de relance com timidez. — Gracejou dizendo que parece que estamos envolvidos amorosamente. Fez pouco de mim.

Dmitri hesitou.

— Pareceu-lhe desaprovar?

— De todo — apressou-se a responder. — Diz que conhece a sua mãe e que vem de boas famílias. A Olga está enamorada de um oficial chamado Mitya, conhece? — Dmitri acenou a cabeça afirmativamente e reprimiu uma resposta menos agradável, pois considerava Mitya bastante grosseiro. — Está sempre a falar dele. Até o pequeno Alexei faz troça dela, mas desconfio que gosta de ser arreliada.

— Ao contrário da Tatiana?

Hesitou.

— Sou uma pessoa reservada e prefiro manter os meus sentimentos num diário em vez de ser tema de mexericos.

— O que eu gostaria de ler esse diário — Dmitri pestanejou. — Pode levá-lo à enfermaria mais logo?

— Jamais! — exclamou veementemente, fazendo-o rir. — Acha que esta chuva vai passar em breve ou devemos regressar depressa, arriscando uma bela molha?

— Vamos aguardar mais um pouco. Posso tentar caminhar alguns passos, se me emprestar o seu braço.

Apoiou-se nos braços da cadeira de rodas para se erguer e levou a

perna ferida até ao chão, crispando-se ligeiramente quando recebeu todo o seu peso. Tatiana amparou-o e, por um instante, ficaram tão próximos que Dmitri conseguiu sentir o calor do corpo dela e ouvir a sua respiração. Ansiava envolvê-la com os braços. Se ao menos tentasse!

Tatiana ficou por perto enquanto dava uns passos inseguros até à janela oposta, fazendo uma pausa para recuperar.

— Não quero que fique melhor com tanta rapidez — disse melancolicamente. — Vão enviá-lo de volta para a frente de combate e vai esquecer-se de que alguma vez me conheceu.

Dmitri falou com paixão:

— Tatiana, eu *nunca* vou esquecê-la. *Nunca*. Se for mortalmente ferido nalgum campo de batalha, juro que o seu nome será a derradeira palavra nos meus lábios e o seu rosto a última imagem na minha cabeça.

Ficou com os olhos marejados, pestanejando para reprimir as lágrimas e virando a cabeça para o lado.

— Mas poderá a história ter um final feliz? — perguntou em voz baixa.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que isso acontece — pronunciou suavemente. O rosto dela estava tão perto que poderia tê-la beijado inclinando-se para a frente apenas alguns centímetros, mas isso seria demasiado ousado. Estava certo de que ela conseguia ouvir o bater forte do seu coração no peito, pois também ele tinha a certeza de ouvir o dela.

Em meados de novembro, Dmitri já conseguia caminhar pela enfermaria, sem ajuda, não tendo ficado surpreendido quando recebeu uma carta a informá-lo de que fora considerado apto para o serviço e de que deveria apresentar-se no seu regimento até 12 de dezembro. Durante algum tempo, nada disse a Tatiana, não querendo afligi-la. A ideia de a fazer sofrer provocava-lhe um aperto no coração e ficava com um nó na garganta, pese embora, ao mesmo tempo, odiasse mantê-la na ignorância face a uma notícia daquela importância. Quando faltavam somente duas semanas para a sua partida, levou-a a dar um passeio pelo parque, passando a pirâmide onde pequeníssimas lápides assinalavam os locais onde estavam enterrados os três cães de Catarina II. *Ortípo* farejou a terra gelada como se conseguisse detetar alguma coisa, muito provavelmente o odor de uma raposa.

— Eu sabia que este dia não tardaria — disse Tatiana, mostrando coragem e virando a cabeça, embora Dmitri percebesse que ela estava a reprimir as lágrimas. — Tenho algumas prendas para si. Vai ficar surpreendido ao ver como estive ocupada.

— A sério? Que tipo de prendas? — Ficou radiante perante aquela ideia.

— Tricotei um cachecol, luvas e vários pares de meias grossas. Não quero imaginá-lo a gelar numa tenda desolada e batida pelo vento.

Ficou tão emocionado que mal conseguia falar. Seria aquele o momento de a beijar? Hesitou demasiado tempo e ela já se virara para chamar *Ortipo*, que perseguia um esquilo.

— Temos de tirar umas fotografias — disse. — Esta noite, levo a minha câmara *Brownie* à enfermaria.

— Já tem centenas de fotografias minhas — sorriu. — E fiquei mal em todas. — Ela e Olga eram fotógrafas entusiastas.

— Vai escrever-me? — perguntou, num tom ligeiramente triste.

— Claro que sim! Irá receber uma carta todas as semanas, o que é, pelo menos, dez vezes mais do que a minha mãe recebe.

— Vou escrever-lhe todos os dias — declarou, de olhos vítreos.

Num impulso, pegou-lhe na mão esguia e encostou os lábios, demonstrando-se a saborear a sensação e a sentir o seu estimado perfume. Ela não retirou a mão.

Dmitri vestiu a sua farda azul-escura e amarela e partiu na manhã de 12 de dezembro, juntamente com dois outros oficiais e uma dúzia de soldados, todos rumo à Polónia, onde o que restava de Primeiro Exército Russo tentava deter o Nono Alemão. O dia acabara de nascer, mas Tatiana surgiu no acesso do palácio, com um ar pálido sob o sol de inverno, e ficou junto ao portão a acenar. Quando o camião passou, Dmitri viu que tinha os olhos vermelhos por ter estado a chorar e sentiu que o seu coração parecia querer partir-se ao meio.

## Capítulo Cinco

*Londres, abril de 2016*

De início, Kitty pensou que a carta era publicidade e quase a deitou para o balde do lixo. Estava escrita em papel com marca de água de aspeto caro e era de uma empresa chamada Inheritance Trackers Inc. Ao passar o olhar pelo primeiro parágrafo, o nome Yakovlevich chamou-lhe a atenção. Tinha quase a certeza que esse era o nome de solteira da sua avó Marta, pelo que leu a carta completa. Dizia que era bisneta e única descendente viva de Dmitri Yakovlevich, que morrera na América em 1986 e que a sua propriedade não fora reclamada. Caso pretendesse que a Inheritance Trackers a reunisse a esta fortuna, trataria de toda a parte legal por uma módica taxa de 15%. Havia um prazo de 30 anos para reclamar propriedades perdidas e, caso não agisse depressa, a propriedade seria confiscada pelo governo.

Kitty ficou imediatamente desconfiada: vivia-se uma época de burlas, em que eram oferecidos milhões de libras em troca de um adiantamento de alguns milhares para ajudar alguém de um país africano com questões alfandegárias; em que empresas de investimentos de risco localizadas nas Baamas declaravam que iriam quadruplicar qualquer investimento num ano. Além disso, a avó Marta ainda estava viva em 1986. Porque não teria ela herdado o dinheiro de Dmitri Yakovlevich? Porque é que Kitty nunca ouvira falar dele?

Marta fora uma avó divertida, que guardava guloseimas no seu frasco de cerâmica em forma de coelho e que estava sempre disposta a sentar-se no chão e jogar *Hungry Hippos* ou *Mouse Trap*. Kitty não se lembrava de alguma vez tê-la ouvido falar do pai, mas, na verdade, Marta falecera quando

Kitty tinha oito anos. Talvez encontrasse fotografias dele na mala antiga de fotografias de família que arrumara no roupeiro do quarto quando os pais morreram. Um dia, devia dar uma vista de olhos.

Telefonou para o número no cabeçalho da carta e passaram a alguém chamado Mark, que lhe comunicou que a herança em causa tinha um valor de mais de 50.000 dólares em dinheiro. Também havia uma cabana no lago Akanabee nas montanhas Adirondacks a norte do estado de Nova Iorque, que estava desabitada desde que o bisavô morrera, além de direitos de autor de alguns livros que escrevera. *Era escritor! Intrigante.*

— Então o que tenho de fazer para reclamar a herança? — perguntou cautelosamente, pegando numa caneta.

— Vamos enviar-lhe alguns formulários para preencher — explicou Mark —, para, de seguida, devolver juntamente com uma cópia da sua certidão de nascimento e do certificado de casamento, se for casada, e nós tratamos do resto.

— Tenho de dar algum sinal? — perguntou, desconfiada. — Taxas legais ou algo do género?

— Não é preciso. Nós tiramos a nossa percentagem quando o dinheiro e os documentos de propriedade da cabana chegarem — esclareceu Mark. — Quer que lhe envie as informações?

— Porque não? — concordou.

Nessa noite, esqueceu-se de contar a Tom, mas quando os documentos chegaram com a confirmação dos valores totais, mostrou-lhe. Não pareceu particularmente impressionado.

— 50.000 menos 15% são 42.500 dólares, à taxa de hoje são cerca de 27.000 libras. Melhor que nada. Queres que te dê o contacto de um conselheiro financeiro que te pode dar ideias de investimento?

Olhou para ele do outro lado da mesa e perguntou-se quem era aquele estranho com quem casara. O Tom que conhecera na universidade teria sugerido estoirar a inesperada herança numa viagem à volta do mundo para dois ou, quem sabe, comprar um iate e aprender a navegar. Tinham somente trinta e poucos anos, tinham conseguido pagar a hipoteca graças à herança dos seus pais, nenhum dos dois queria ter filhos e agora Tom só conseguia pensar em poupar para o futuro? Sentiu que o estava a ver com olhos diferentes daqueles de há uma década; ou talvez ela fosse a mesma pessoa e fora ele que mudara. Era difícil precisar.

Nessa altura, Tom queria ser compositor e passava a maior parte dos dias a compor músicas no seu teclado e a enviar demos para editoras

discográficas. Como nenhuma agarrou a oportunidade de comprar as suas criações, abandonou tudo, tirou um curso de Contabilidade e trabalhava agora como auditor no Conselho Municipal. Tornara-se metódico e preciso, saindo de casa à mesma hora todas as manhãs, de fato impecável e previsível, o género de roupa na qual nunca ninguém repara. Se cometesse um crime e as testemunhas tivessem de o descrever, teriam dificuldades em destacar o que quer que fosse, pois era muito insípido: cabelo castanho e curto, olhos cor de avelã, estatura média, fato cinzento-azulado, sem características invulgares.

Kitty fazia troça das gravatas lisas, sempre da mesma tonalidade das meias lisas, das calças penduradas numa prensa de calças para que o vinco ficasse precisamente no sítio certo. Fazia-a ansiar por assaltar a sua gaveta e deixar-lhe apenas meias desirmanadas, ou embebedá-lo e arrastá-lo até um estúdio de tatuagens para que lhe gravassem um símbolo gótico no antebraço. Achava irritante que ele bebesse sensatamente café descafeinado e que lavasse os dentes exatamente durante dois minutos; sentia-se enfadada com a rotina sexual ao fim de semana, com um orgasmo dela, um orgasmo dele, que atingiam invariavelmente da mesma forma.

Trazia um bom ordenado para casa e tinham sorte de não ter preocupações financeiras, mas, a determinada altura, tinham deixado de se divertir e Kitty não conseguia precisar quando isso acontecera. As férias na Costa Rica no outono anterior tinham sido magníficas, o Natal com a família alargada de Tom fora agradável. Contudo, desde então, a vida parecia monótona, sem nada de interessante no horizonte.

O facto de a carreira de Kitty ter estagnado também não ajudava. Estudou jornalismo na universidade e sempre se imaginara a viajar para Los Angeles em primeira classe para entrevistar celebridades para a *Vanity Fair* ou a noticiar que David Cameron tinha uma amante secreta num exclusivo para o *The Guardian*, mas, em vez disso, fazia críticas de teatro para o jornal local onde habitava, na zona norte de Londres. Ganhava uma insignificância e tinha de assistir a espetáculos horríveis no mínimo três vezes por semana para, depois, produzir 500 palavras de texto espirituoso, que não podia denunciar o seu profundo desencanto com o teatro enquanto forma de arte.

O ponto de vista da mãe, repetido amiúde, de que a escrita era um passatempo e não uma forma sólida de ganhar a vida, não parava de ecoar na sua cabeça. Queria que Kitty tivesse seguido Direito, mas ter de decorar todos aqueles intermináveis julgamentos parecia ser insuportavelmente entediante. Deveria ter dado ouvidos à mãe? Ou deveria esforçar-se ainda

mais para ter sucesso como escritora? Não havia pressa, uma vez que Tom ganhava o suficiente para ambos. Estava sempre a fazer planos para escrever um livro, mas mudava de ideias sobre o assunto antes de conseguir produzir pouco mais do que alguns milhares de palavras. Se ela própria não conseguia manter-se interessada, como poderia esperar prender a atenção dos seus leitores?

— Sempre tiveste uma veia indolente — costumava dizer a mãe. — Sais ao lado do teu pai. — Talvez fosse verdade.

Pensou no tipo de livros que Dmitri Yakovlevich teria escrito. Lembrava-se vagamente de que a avó Marta tinha origens russas; sem dúvida que o apelido parecia russo: talvez o seu trabalho fosse todo na sua língua materna. Iria descobrir quando chegassem os extratos dos direitos de autor.

Não havia nada que lhe parecesse suspeito nos formulários da Inheritance Tracker; por isso, assinou na linha indicada e devolveu-os com os certificados solicitados. Ela e Tom tinham discutido vagamente o que fazer com a cabana a norte de Nova Iorque e ele era da opinião de que deviam vendê-la.

— Depois de 30 e tal anos vazia, o nível de reparações necessárias para a tornar habitável seria mais dispendioso do que o seu valor — afirmou, com a sua lógica de negócios.

— Pode ser um bom investimento — defendeu Kitty. — Podíamos renová-la e depois arrendá-la através de uma agência da zona. — Tinha gosto pela bricolagem. O seu pai ensinara-lhe algumas técnicas de carpintaria e já tinha renovado três propriedades em Londres: duas que vendeu com lucro e outra na qual viviam.

— Só conseguiríamos alugá-la três meses no ano — constatou Tom. — Ninguém quer passar férias em Adirondacks no inverno, e os alugueres de verão não dariam para cobrir os custos anuais.

Kitty bocejou. Tom não parecia ver o romantismo de ter uma cabana no meio da natureza americana. O que teria levado Dmitri a comprá-la? Imaginou que devia ser muito bonita. Depois, deslizou para o fundo da sua mente nas semanas que se seguiram, enquanto escrevia as suas críticas de teatro, almoçava ou bebia um copo ao final da tarde com os amigos, ia às aulas de ioga e geria a casa que partilhava com o marido, um homem sensato e contrário a riscos.